

KLÍNICA PSICODÉLICA: POTENCIALIDADES TERAPÊUTICAS COM A EXPERIÊNCIA PSICODÉLICA

Bernardo Rodrigues Giacomo de Oliveira¹, Davi Salezze Gama¹, Salatiel Vinícius da Vitória¹, Thiago de Sousa Freitas Lima², Soo Yang Lee³, Priscila Alves Balista³, Clauder Oliveira Ramalho³, Laêmecy Emanuelle Gonçalves Martins³, Tammer Ferreira Zogheib³

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

O presente artigo contextualiza o uso histórico da psilocibina e aponta para uma tendência do renascimento psicodélico contemporâneo. Esse estudo envolve uma revisão integrativa da literatura, propondo revisar o uso terapêutico da psilocibina visando integrar a perspectiva esquizoanalítica à compreensão da experiência psicodélica. Enfatizando a importância de uma abordagem integrativa no campo terapêutico, o artigo apresenta em dois blocos de sentido as contribuições da esquizoanálise na compreensão dos processos de subjetivação e dos modos conscienciais relacionados ao uso de psicodélicos. Demonstramos que a psilocibina pode ser um dispositivo facilitador de processos transformadores no sujeito, proporcionando sentimentos de aceitação e conexão que são valiosos ao trabalho analítico.

Palavras-chave: Esquizoanálise, Psilocibina, Psicodélicos, Terapia

INTRODUÇÃO

Os psicodélicos estão entre as “substâncias psicoativas”, termo que faz menção às drogas que alteram o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), principalmente a consciência, as funções cognitivas, o afeto e a percepção sensório-motor-espacial. (Oliveira, 2008) Holmes (1997) classifica os psicoativos em quatro classes de acordo com seu efeito no SNC: as depressoras, com efeitos sedativos, as narcóticas com efeitos entorpecentes, os estimulantes com efeitos de êxtase e por último, as perturbadoras, com efeitos de distorcer as experiências sensoriais. As substâncias psicodélicas se destacam na quarta classe.

Segundo Henrique Carneiro (2005) podemos nomear essas substâncias de outras formas: alucinógenos, psicodélicos e enteógenos. O primeiro termo remete ao conceito de “alucinação”, que denota um sentido patologizante e reducionista, tendo em vista que os fenômenos alucinatórios não são os únicos presentes na experiência psicodélica.

O segundo termo foi adotado pelo movimento político-cultural dos anos 1960 (Leary, 1999), e por último, o termo que deriva das palavras gregas *entheos* que significa “Deus dentro” e *gen* que remete a “tornar-se”, conferindo o sentido de “aquilo que gera experiência interna do divino” é adotado quando essas substâncias são administradas como instrumentos sagrados em contexto ritualístico.

Adotaremos aqui o termo psicodélico, que tem origem no neologismo de duas palavras gregas *psique* (mente) e *delos* (manifestação), ou seja, manifestação da mente, sendo

o mais adequado para nossa pesquisa em comparação aos anteriores que demarcam um caráter patológico ou muito próxima a dimensão espiritual.

O uso dessas substâncias data desde épocas remotas da civilização (Schultes; Hofmann; Rátsch, 2001). Em especial nesse artigo, iremos abordar uso do cogumelo enteógeno *Psilocybe Cubensis*, popularmente conhecido como “cogumelo mágico”.

Foram bastante utilizados pelos xamãs Astecas em rituais de diversas aldeias da América Latina, conhecido entre eles por *Teonanacati* que significa “Carne de Deus” e com a finalidade de cura através de sensações e experiências de contato como divino (Schultes, 1963).

O início das pesquisas com psicodélicos ocorre por causa de uma investigação feita por Stanislav Grof (1931 – até hoje) com a administração de LSD em pacientes terminais que proporcionou o contato com as experiências do tipo espiritual, levantando conceitos ainda não examinados pela psicologia daquela época.

Com o movimento New Age, de contracultura que fomentou o uso recreacional, instaura-se na sociedade um estigma equivocado e que foi reforçado com a campanha de “Guerra às Drogas” fizeram com que os estudos com psicodélicos fossem praticamente extintos com a proibição dessas substâncias nos EUA (Diniz, 1999).

Em paralelo com esse movimento histórico contracultural, nasce na França a esquizoanálise como proposta terapêutica, ética, estética, política, buscando alternativas de compreensão da subjetividade de uma maneira intrincada com os processos culturais e sociais de sua época (Baremlitt, 2003).

Atualmente vivemos na época chamada “Nova Renascença Psicodélica” inaugurada pelos trabalhos de Rick Strassman (1952 – até hoje) sobre os efeitos da substância psicodélica DMT (Dimetiltriptamina) em humanos na universidade do Novo México no início da década de 1990 (Strassman, 1996, 2001; Strassman et al., 1994, 1996).

A pesquisa sobre o uso da psilocibina em uma configuração terapêutica tem crescido significativamente nos últimos anos, despertando interesse devido a resultados promissores em estudos clínicos iniciais como por exemplo os feitos por Albert Garcia-Romeu, Alan K. Davis e Matthew W. Johnson (2019).

No entanto, a eficácia, segurança e potencial aplicação clínica com psilocibina em relação a uma variedade de transtornos psicológicos ainda são tópicos de investigação ativa e debate.

Esta revisão integrativa da literatura procura consolidar as evidências disponíveis sobre a psilocibina, avaliar sua eficácia no tratamento de transtornos psicológicos e compreender melhor os riscos e benefícios associados, bem como propor uma integração paradigmática a partir da perspectiva esquizoanalítica.

Também buscamos contribuir para a compreensão da psilocibina e esquizoanálise como ferramenta terapêutica potencial. Nesse sentido, investigamos a possibilidade de integração e interpretação dos estudos em ambos os campos.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, que se entende por um método que possibilita a síntese de conhecimento e a manifestação da aplicabilidade de resultados

de estudos significativos na prática (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Nessa pesquisa utilizamos as seguintes estratégias de busca para consolidação da revisão integrativa: artigos de metanálise em inglês, publicados nos últimos cinco anos (2019 – 2023) que apresentassem em sua discussão o uso da psilocibina como procedimento psicoterapêutico, indexados nas bases de dados PubMed e PsycInfo. Como estratégia de busca para a Esquizoanálise, por não se tratar de uma clínica ancorada em evidências, procuramos na literatura cinzenta alguns trabalhos sobre a clínica esquizoanalítica.

Dentre eles, encontramos 7 artigos e 2 dissertações de mestrado que apresentam referências teóricas e instrumentos conceituais para este artigo, que serão tratados a partir da elaboração de blocos de sentido evidenciando principais pontos de convergência com o objetivo desta pesquisa.

Para a realização da busca com psilocibina, foram utilizadas a seguinte estratégia de busca, utilizando palavras-chave consideradas descritores no DeCS (Descritores em Ciência de Saúde) / MeSH (*Medical Subject Headings*): (*Psilocybin*) AND (*Therapy*). Foram analisados 26 artigos, dentre estes 13 foram selecionados para o estudo. Houve a exclusão de 13 artigos devido à inacessibilidade dos estudos, incompatibilidade com os critérios de avaliação e duplicatas.

Os dados serão apresentados da seguinte forma, sendo: um fluxograma (apêndice A) apontando o processo de seleção dos artigos, uma tabela para apresentar os resultados obtidos da metanálise (apêndice B), os blocos de sentidos da esquizoanálise e a integração dos dois.

Percebemos que no contexto dos últimos cinco anos, a pesquisa ainda é bem limitada a resultados heterogêneos e com pequenas amostras. Como consequência, observa-se poucos estudos incluídos nas metanálises, e ainda estudos bem diversos entre si (diferentes métodos e diagnósticos). Dessa forma, conclui-se que apesar de evidências positivas, há necessidade de efetuar estudos mais homogêneos.

DESENVOLVIMENTO

Uso histórico da psilocibina

Há referências históricas do uso de fungos com propriedades psicodélicas na Grécia antiga, Índia e Mesoamérica, a utilização mais descrita até o presente provém das culturas indígenas mexicanas, o uso pelos habitantes desse local foi amplamente investigado desde a colonização espanhola (Stamets, 2000).

Segundo Diniz (1999), acredita-se que o Xamanismo, a tradição de cura e o contato com o divino do qual elas fazem parte tenha 20.000 a 30.000 anos. Foi verificada no sul do México a presença de cerimônias sagradas que teriam por finalidade a veneração mística pelo divino sob os efeitos dos cogumelos sagrados.

Os estudos com *Psilocybe Cubensis* iniciaram com Gordon Wasson (1898 – 1986) e Valentina Pavlovna (1901 – 1958) que, ao descobrirem o uso ritualístico, foram ao México ao encontro de Maria Sabina (1894 – 1985), uma Xamã Mazateca que viveu na Sierra Mazateca no sul do México.

Sabina confidenciou um ritual com a promessa de que não contaria a ninguém o

acontecido, porém foi publicado em 1980 o livro “The Wondrous Mushroom: Mycolatry in Mesoamerica” acerca do rito realizado por ela (Allen, 1987; Wasson, 1972). Gordon Wasson e Roger Heim se associam ao laboratório Sandoz, no qual Albert Hofmann faz o estudo das propriedades químicas dos cogumelos, se deparando com as substâncias Psilocibina e Psilocina, a primeira em maior concentração (Hofmann *et al.*, 1958).

Depois da sintetização, os laboratórios Sandoz passaram a disponibilizar a substância para novas frentes de pesquisas, principalmente nas áreas da Psiquiatria e Neurologia (Hofmann *et al.*, 1958).

Com o passar do tempo essas substâncias adquiriram novos fins, como recreacional e terapêutico (Nunes; Jóluskin, 2007). Os efeitos esperados pela ingestão de cogumelos são de euforia e lucidez calma, sem perder a coerência e clareza de pensamento, as alucinações que são percebidas de olhos fechados são coloridas e bem definidas, podem possuir estruturas geométricas, visões de paisagens fantásticas (Diniz, 1999).

De acordo com Diniz (1999), a dose mínima necessária para produzir efeitos psicodélicos são de 4 a 10 mg, doses menores resultariam, em geral, em alterações de humor e sensação de bem-estar. Doses altas da substância provocam intensas distorções visuais e sensoriais.

A absorção das substâncias ocorre entre 15 e 40 minutos, o pico do efeito dura entre 1 e 3 horas e costuma ter duração total entre 2 e 8 horas, outras sensações relatadas dizem sobre uma maior empatia e conexão com o Todo (Escobar, 2008).

Os fatores que devem ser levados em consideração na experiência psicodélica se encontram nos conceitos de *set* e *setting*. O *Set* advém na palavra inglesa *mindset*, e possui o sentido de “estado mental”.

Pode ser compreendido como tudo aquilo que diz respeito ao estado interno de um sujeito, incluindo sua personalidade, sua preparação para a experiência, suas intenções e expectativas em relação a experiência que está por vir, seu estado afetivo atual, medos e desejos (Metzner e Leary, 1967).

O *Setting* é o ambiente externo em que a experiência ocorre, não apenas os aspectos do ambiente físico como o tamanho, decoração, nível de conforto, música, mas também do ambiente socioemocional que se estabelece entre os participantes ou acompanhantes.

O ambiente cultural que o indivíduo se encontra é crucial na manifestação psicodélica vivenciada, pois é nela que se localizam as ideias e crenças predominantes na sociedade no qual ela pertence (Metzner e Leary, 1967).

Todos esses fatores influenciam radicalmente o modo como a experiência será sentida, observada e elaborada posteriormente. Bonnie e Pahnke (1972) são ainda mais sensíveis em relação ao *set* e *setting*, atribuindo ao primeiro a habilidade para confiar e renunciar ao controle, bem como a apreciação estética, e escolha cuidadosa da música e da arte, e ao segundo a importância da atmosfera emocional e psicológicas de todos ali presentes.

Klínica e clínica

A clínica com K é uma invenção de Gregório Barenblitt (1998), terminologia derivada do grego *Klínamen*, que significa desvio. A clínica é um encontro que produz a diferença, é uma colisão de corpos que altera uma trajetória, é efetuada na criação de novas realidades, novos mundos, novas subjetividades.

Essa proposição se distancia de um tipo de clínica psicológica ou psiquiátrica que opera em prol da reprodução de subjetividades pré-moldadas, da manutenção do *status quo* e da repetição de normas pré-estabelecidas.

É nesse mesmo desvio que se encontra o cerne da aposta esquizoanalítica, que consiste em pensar a potência do desejo como produção singular e performativada realidade.

A esquizoanálise foi inaugurada pelos autores franceses Gilles Deleuze (1925- 1975) e Félix Guattari (1930 - 1992), com a publicação dos livros *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (1972), *Mil platôs* (1980) e *Kafka: por uma literatura menor* (1975). No Brasil, existem alguns núcleos acadêmicos que concentram importantes autoras dessa linha, espalhadas por diferentes estados.

Análise da Literatura

Blocos de Sentido da Esquizoanálise

Os resultados da esquizoanálise foram organizados em dois blocos de sentido, que se dividem entre: subjetividade e modos conscienciais. No primeiro bloco, analisamos os processos de subjetivação e a possível conexão entre a psilocibina e a clínica.

A esquizoanálise é utilizada como uma ferramenta conceitual para compreender como o corpo, a consciência e a subjetividade se constituem, especialmente no contexto da interação com substâncias psicodélicas.

Na transição para o segundo bloco, mencionamos a discussão histórica sobre estados alterados de consciência e logo partimos para os cinco modos conscienciais conforme propostos por Domenico Hur (2020). Apontamos a psilocibina como um dispositivo catalisador que facilita a transição entre os modos conscienciais, permitindo a experimentação intensiva de um processo terapêutico.

Também acentuamos a necessidade da integração da experiência psicodélica, assim como a importância do modo consciencial plural para a transformação pessoal e social.

Esquizoanálise e subjetividade

Para fundamentar esta parte do artigo, utilizaremos alguns conceitos- ferramentas da Esquizoanálise, apresentando como se constituem os processos de subjetivação ancorados na obra de Deleuze (1925 – 1995) e Guattari (1930 – 1992). Nos tópicos seguintes, tentaremos elaborar as questões: o que pode uma clínica psicodélica? Por qual via ela opera?

Em primeiro lugar, é necessário nos aproximarmos da ótica espinosista do corpo, este entendido enquanto potência de conservação ou expansão da vida, presente na proporção entre movimento e repouso, nas forças da natureza, nos afetos e nos acontecimentos (Espinosa, 2015).

A partir dos encontros com outros corpos, individuais ou coletivos, materiais ou

imateriais, este corpo intensifica ou diminui sua potência de agir, pensar e existir (Moraes, 2017). Essa concepção, diferentemente do modelo cartesiano dualista, restitui o lugar da sensibilidade da consciência, permitindo avaliar qualitativamente a variação do movimento em oposição a uma identidade fixa das coisas.

Ou seja, há uma relação entre afeto - grau de variabilidade do corpo - e consciência, que organiza nosso self e nossa mente. As drogas perturbadoras do cérebro alteram o funcionamento da consciência e abrem caminho para discutirmos sobre os estados conscienciais no próximo bloco de sentido.

A partir desse prisma, passamos a valorizar os fluxos nômades, corpos singulares, inventores de realidade, em uma filosofia da diferença. É deste ponto que Deleuze e Guattari (2011), em *O Anti-Édipo*, partem para cunhar o conceito das máquinas desejanças, que realizam a conversão de forças entre o plano externo e o interno, sempre coexistentes e co(i)mplicadas.

Na clínica, acompanha-se a potência de um corpo para diferenciar-se, mapeando os afetos conscientes e/ou inconscientes, compreendendo os atravessamentos político-sociais, liberando os bloqueios energéticos, e experimentando modos outros de funcionamento dessas sínteses (Deleuze, Guattari, 2011).

Em segundo lugar, passamos para as duas tarefas fundamentais da Esquizoanálise: a destrutiva e a criativa. A primeira tarefa é o lugar da crítica, da raspagem de configurações sociais e subjetivas que impeçam o desejo de se converter em ato. A segunda tarefa é a positiva, de apostar na produção de novos modos de ser no mundo, da reinvenção de si (Donhauser, 2023).

Lidar com essa Ética experimental requer um grau de abertura para o estranhamento, para o surgimento de algo novo, de reconhecer a mudança que se efetuou em determinado sistema. Para isso, os filósofos nos recomendam ousadia para romper com os padrões pré-estabelecidos, mas também prudência para explorar o caos que pode advir do desconhecido (Melo, 2020).

Retornaremos, então, à noção dos fluxos para pensarmos a subjetividade enquanto um processo formado por segmentos e estratificações, em diferentes níveis de aceleração e estabilização. A partir da composição e decomposição desses arranjos, cristalizam-se identidades, normas, pensamentos e hábitos.

A subjetividade é um território existencial, a organização de um organismo, uma codificação, um fechamento da ordem da repetição, daquilo que nos define e nos ordena no tecido social: nome, sexo, raça, classe, função, religião (Cassiano, Furlan, 2013).

Porém, ao analisarmos a constituição dos modos de subjetivação no plano da imanência, percebemos que coexistem forças virtuais, são os vetores desterritorializantes. A desterritorialização é o sem-fundo, o sem nome, a anomalia. Intensidades não codificadas, afetos não nomeados, lugares ainda não mapeados, que apontam para novas possibilidades de existência (Moraes 2017).

A esquizoanálise, então, pensa o sujeito como sendo composto por linhas: duras, maleáveis e de fuga (Guimaraes; Ribeiro, 2016). As linhas duras capturam os fluxos da vida em um modelo, organizam uma identidade, definem um modo de existência que corresponde à territorialização.

As linhas maleáveis estão em um maior nível de indeterminação, com abertura à variação e à possibilidade de conexões inéditas. As linhas de fuga, por sua vez, são os vetores de desorganização, rupturas desterritorializantes, expressões coletivas que propiciam os processos de criação.

Neste paradigma, as experiências psicodélicas podem ser vistas como ferramenta de acesso a linhas de fuga e produção de novas subjetividades, servindo como possível matéria-prima para a clínica.

Modos Conscienciais

Na literatura psicodélica, desde Aldous Huxley até os tempos atuais, sempre se discutiram os chamados estados alterados de consciência e seus efeitos catárticos. De acordo com Palma (2016):

Utilizando a filosofia do francês Henri Bergson, Huxley argumenta, em *The Doors of Perception* (o relato da sua primeira experiência com mesalina), que o cérebro funciona como uma válvula redutora da consciência, limitando-a a um estado dito normal, da realidade do dia-a-dia. Os enteógenos, por sua vez, abrem a consciência humana a novas experiências, tendo, portanto, grande potencialidade de elevação espiritual e intelectual. (Palma, 2016, p.19).

Nesta seção, introduziremos uma proposta alternativa de compreensão desses fenômenos de percepção, construída com base na esquizoanálise. Buscamos compreender também de que forma a droga se insere nesta gramática. Com isso, partimos para explorar as variedades de funcionamento da consciência.

A primeira questão diz respeito à definição de consciência. Conforme Domenico Hur (2022), a consciência é caracterizada por seu mecanismo de seleção e operação da realidade. É composta por planos de divisão e expansão de imagens-movimento, posições dinâmicas e coexistentes virtualmente.

Esses planos são classificados em dois eixos: coeficientes de produção e antiprodução cognitiva/afetiva, e coeficientes de desterritorialização e territorialização. A noção de modos conscienciais nos ajuda a pensar em lógicas distintas de apreensão e criação da vida, que não estão subjugadas à ideia de que existe um modelo de funcionamento padrão da consciência e outros estados que são desviantes desta norma.

Alguns desses modos conscienciais são mais adaptados para o cotidiano, enquanto outros são alcançados por meio de técnicas como o esquizodrama de Baremblyt (1936 - 2021) e a respiração holotrófica de Grof (1931 - até hoje), podendo possuir potencial desestabilizador ou terapêutico para o sujeito, a depender do contexto (Hur, 2022).

A segunda questão refere-se aos cinco modos conscienciais propostos pelo autor (Hur, 2022): I. dicotômico, II. plural, III. cósmico, IV. caótico e V. cronificado. Para os fins desse artigo, abordaremos somente o II., III., IV. e V., pois acreditamos que estes modos atravessam aquilo que definimos como experiência psicodélica.

É importante salientar que nenhuma dessas posições é permanente, e que o manejo de seus efeitos deve ser realizado com cautela. Nesse sentido, escrever sobre uma

clínica psicodélica implica pensar em uma intervenção que proporcione a transição segura entre diferentes modos conscienciais, articulando a posição subjetiva com vetores de desterritorialização que sirvam para afirmar a vida.

Dessa forma, entendemos que a psilocibina opera como um dispositivo catalisador, que fomenta a experimentação de intensidades mais elevadas de consciência, com um pico de aceleração radical e instantânea.

Esse plano seria denominado por Hur (2022) como modo consciencial caótico, composto por um alto coeficiente de desterritorialização e antiprodução, uma posição limítrofe que não se sustenta por muito tempo, mas que pode dar lugar a um processo criativo e potencializador.

Para não cairmos no esvaziamento do corpo drogado, na loucura do modo consciencial V. cronificado, é preciso atingir a superfície, dar pé, integrar as forças e profundidades do corpo sem órgãos a uma máquina desejante.

O desafio da clínica está em saber fazer o corpo vibrar em altas frequências e depois encontrar um território seguro para recomposição. Estar à altura do acontecimento é caminhar pela margem sem cair no abismo, e se cair, ter uma rede de proteção.

O modo consciencial intermediário dessa transição é o III. caósmico, onde exercemos a prudência e produzimos novos sentidos com os afetos emergentes. Reterritorialização, de acordo com Haesbaert e Glauco (2002), é o cultivo do movimento de estabilização, de recomposição, acomodação de significados, agora abarcando as novas descobertas em uma nova terra.

Retornamos ao ponto de partida da jornada, porém transformados, munidos de novos afetos e possibilidades. Precisamos nos ancorar em um universo de referências e valores, fazendo enodamentos com as linhas de fuga encontradas, para conseguirmos direcionar um novo entendimento das relações e do nosso próprio autoconhecimento.

Por fim, a posição que mais se aproxima da finalidade da clínica psicodélica é o II. modo consciencial plural, da multiplicidade, ecosófico, que focaliza as relações sociais e o ambiente em que estamos inseridos, permitindo estabelecer relações mais saudáveis com os outros e com nós mesmos.

Esse é o modo consciencial que atualiza o que a Esquizoanálise denomina paradigma ético-estético-político, pois é propício aos processos poiéticos e de criação, na produção de relações de simpatia e solidariedade entre as distintas pessoas que ocupam determinado ethos, bem como um agenciamento de forças que pode transformar o poder em potência. (Hur, 2022, p. 461).

Este modo consciencial abre espaço para pensarmos o cogumelo como espécie companheira (Tsing, 2015), permitindo um agenciamento com um campo de conexões ancestrais, miceliais e rizomáticas.

O diálogo com o cogumelo revela a possibilidade da composição de uma política intersubjetiva interespecífica, pautada na diversidade biológica, com trocas desaberes entre vegetais, fungos e humanos, sob uma ética ecosófica do mutualismo.

Integração

A psilocibina tem se revelado um recurso psicoterapêutico promissor, pois proporciona aos participantes sentimentos de aceitação e conexão que mudam a forma como os participantes lidam com a sua condição clínica (Crowe *et al.*, 2023).

No setting terapêutico, ao valer-se da psilocibina como recurso facilitador, o psicólogo avalia e situa o paciente no ambiente, instigando a reflexão e servindo como um acompanhante de viagem (Guss.; Krause; Slosower, 2020). Muitas vezes, em seu funcionamento ordinário, o paciente encontra-se capturado por um *loop* de hábitos, pensamentos, sintomas, estruturas neuróticas e disfuncionais.

Tanto nas sessões de preparação quanto no trabalho de elaboração, o sentido da análise seria de restaurar a potência adormecida, esgotada e esvaziada do sujeito. (Moraes, 2017).

A esquizoanálise tem como pressuposto a potência esquizo da subjetividade (Moraes, 2017). Atribuição que os psicodélicos atualizam a partir da recuperação de um grau de indeterminação, que representa uma abertura para o lado de Fora, para um campo de intensidades.

A aposta nos psicodélicos seria uma maneira de somar ao trabalho analítico um olhar interdisciplinar, acrescentando a este outras três dimensões: uma dimensão científica, dimensão antropológica e uma dimensão ecológica.

Após o levantamento dos artigos (apêndice A), podemos observar no apêndice B, que os estudos analisados apresentaram uma redução dos sintomas associados a transtornos como: depressão maior, ansiedade, melhoria no humor de pessoas com transtorno de humor e uma redução no consumo de álcool. Bem como uma diminuição nos efeitos colaterais quando comparado aos medicamentos tradicionais.

Conforme o apêndice B, que em certos grupos de pacientes, a redução de sintomas e o bem-estar obtido com essas terapias inovadoras se mantiveram por um período prolongado, variando de seis meses a um ano após a conclusão do tratamento, superando assim a duração dos efeitos proporcionados pelos usuais medicamentos utilizados habitualmente para essas condições.

Em uma das metanálises é apresentado a intensificação de respostas emocionais, classificadas como: aceitação, conexão e transformação. Aquele é descrito como a aceitação da condição clínica, motivação para mudança, apreciação de si e das outras pessoas. Esse apresentou experiências como reconexão com a vida, parte de um universo mais amplo, pensamento mais claro e sentimentos de separação para interconexão. Este expõe: mudança de percepção, recuperação de presença, sensação de bem-estar e significado. Essas experiências facilitam o processo terapêutico (Crowe *et al.*, 2023).

CONCLUSÃO

Este artigo conclui que, apesar de existirem evidências positivas sobre o uso da psilocibina como procedimento psicoterapêutico, ainda há uma necessidade de realizar estudos mais homogêneos e padronizados sobre o tema. Os estudos analisados apresentaram resultados variados e utilizaram amostras pequenas e diferentes métodos e diagnósticos.

Portanto, é preciso aprofundar as pesquisas para confirmar a eficácia, a segurança e o potencial clínico da psilocibina em relação a diversos transtornos psicológicos. No que diz respeito ao potencial clínico, entende-se que o uso de psicodélicos, quando em diálogo com a esquizoanálise, oferece uma via sólida para construção de processos de subjetivação no contexto terapêutico.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise** 2.ed, Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003, 138p

CARNEIRO, H. (2005). **A odisséia psiconáutica: A História de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas**. In: Labate, B. C.; Goulart, S. L. O uso ritual das plantas depoder. Campinas: Mercado das Letras: Fapesp.

CASSIANO, M.; FURLAN, R. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 373–378. Publicado em 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dgLDtXKSwqS85RSQSJpRrZP/>. Acesso em 10/10/2023

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia** (2ª ed.). São Paulo: Editora34. 2011.

DINIZ, Omar Geraldo. **Usos, Bioquímica e Atividade Farmacológica do Psilocybe spp.** 1999. 76f. Monografia para obtenção de título de especialista em Fitoterapia. 1999.

DONHAUSER, L. J.; BONAMIGO, I. S.. De uma viagem esquizo à esquizoanálise: passeando pela história da revista psicologia & sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e220326, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Qg9tx5658c9JVNfhHMQRdmk/#>

ESCOBAR, J. A. C. (2008). **Observação e exploração da percepção visual e do tempo em indivíduos sob o estado ampliado de consciência após o consumo de cogumelos “mágicos”**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Recife, 158 f, 2008.

ESPINOSA, B. **Ética**. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Edusp, 2015. GARCIA-ROMEY, A.; DAVIS, A.K.; EROWID, F.; EROWID, E.; GRIFFITHS, R.R.; JOHNSON, M.W. Cessation and reduction in alcohol consumption and misuse after psychedelic use. **J Psychopharmacol**. Oxford. 33(9), p. 1088–1101, 2019. Disponível em: <[Cessation and reduction in alcohol consumption and misuse after psychedelic use - PubMed \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34811111/)>.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. 1996 **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes

GUIMARAES, Ivo Venerotti; RIBEIRO, Viviana. Notas para pensar o sujeito: geografia humanista com Deleuze e Guattari. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia: v. 22, n. 2, p. 156-161, dez. 2016 . Acesso em 15 nov. 2023

GUSS, J.; KRAUSE, R.; SLOSHOWER, J. **The Yale Manual for Psilocybin-Assisted Therapy of Depression**. PsyArXiv: ago. 2020. p. 79. Disponível em: <osf.io/preprints/psyarxiv/u6v9y>. Acesso em 21 nov. 2023.

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4,n.7,p.7-22,21 set. 2002. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419/8619>. Acesso em 21 nov. 2023

HEIM, R & WASSON, R. G. (1972). **A loucura dos Kumas. In Mandala: a experiência alucinógena**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 251-271

HOFMANN, A., FREY, A., OTT, H., PETRZILKA, T. & TROXLER, F. Elucidation of the structure and the synthesis of psilocybin. **Experientia**, Alemanha, 15, 14(11), p. 9-397. Nov. 1958. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1007/bf02160424>>.

HOFMANN, A., HEIM, R., BRACK, A. & KOBEL, H. (1958). Psilocybin, a psychotropic substance from the Mexican mushroom *Psilocybe mexicana*. **Experientia**. Alemanha, 15, 14(3): p. 9-107, Mar. 1958. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1007/bf02159243>.

HOLMES, D. S. (1997). **Psicologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed.

HUR, D. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 275-292, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i46.8392.

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8392>. Acesso em: 21 nov. 2023.

LEARY, T. (1999). **Flashbacks “surfando no caos”: uma autobiografia**. São Paulo: Beca Produções Culturais.

MELO, D. **Experimentação e prudência no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari**. Texto Digital, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3-19, jan./jul. 2020.2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2020v16n1p3> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2020v16n1p3>. Acesso em 20 nov. 2023

METZNER R and Leary T (1967) **On programming psychedelic experiences. *Psychedelic Review* 9: 5–19**

MORAES, J, A, P, de. **Cartografias do inconsciente**. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 200. 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20601> Acesso em 15/10/2023.

NUNES, L. M; JÓLLUSKIN, G. O Uso de Drogas: Breve Análise Histórica e Social. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. 2007.

OLIVEIRA, C. L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, v. 2, n. 3, p. 1-16. e-ISSN 1982-5935. Cascavel: UNIOESTE.

PALMA, J. M. G. P. **Aplicações Psicológicas e Psiquiátricas da Ayahuasca**. Trabalho Final do Curso de Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2016. 82p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28957>. Acesso em 21/11/2023

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

SCHULTES, Richard E. **Botanical Sources of the New World Narcotics. *The Psychedelic Review***. Vol. 1, n.2: p. 145-166, 1963.

SCHULTES, R.E.; HOFMANN, A.; RÄTSCH, C. *Plants of the Gods: Their Sacred, Healing, and Hallucinogenic Powers*. Revised Edition. Rochester, VT: **Healing Arts Press**; 2001.

STAMETS, Paul. *Growing Gourmet & Medicinal Mushrooms*. 3TM ed. EUA: **Ten Speed Press**. 2000.

STRASSMAN, R. **DMT - the spirit molecule: a doctor's revolutionary research into the biology of near-death and mystical experiences**. Rochester: Park Street, 2001.

STRASSMAN, R. J.; QUALLS, C. R.; UHLENHUTH, E. H.; KELLNER, R. Dose-Response Study of N,N-

Dimethyltryptamine in Humans: II. Subjective Effects and Preliminary Results of a New Rating Scale. **Arch Gen Psychiatry**. n. 51(2). p. 98-108. Fev. 1994. Disponível em: < [Dose-response study of N,N- dimethyltryptamine in humans. II. Subjective effects and preliminary results of a new rating scale - PubMed \(nih.gov\)](#)>. Acesso em 15 nov. 2023.

STRASSMAN, R. J.; QUALLS, C. R.; UHLENHUTH, E. H.; KELLNER, R. **Dose-Response Study of N,N-Dimethyltryptamine in Humans: II. Subjective Effects and Preliminary Results of a New Rating Scale**. **Arch Gen Psychiatry**. 51(2):98–108. 1994. doi:10.1001/archpsyc.1994.03950020022002. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672016000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2023.

STRASSMAN, R.; QUALLS, C. R.; BERG, L. M. **Differential tolerance to biological and subjective effects of four closely spaced doses of N,N-dimethyltryptamine in humans**. **BIOL PSYCHIATRY**, v. 39, pp. 784-795, 1996.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. DOI: 10.5007/2175-8034.2015v17n1p177. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 20 nov. 2023.